

CONSTRUINDO NOVOS SABERES A PARTIR DA PEDAGOGIA
INTERNACIONAL:
POSICIONAMENTOS E RELAÇÕES SOBRE O TEMA INVESTIGADO

Lilian Ucker Perotto

Nasci em uma pequena cidade do sul do Brasil e desde pequena conservava o sonho de viver em outros países. Com quinze anos de idade mudei-me para uma cidade universitária que oferecia melhores condições de estudo. Neste município, chamado Santa Maria, graduei-me em Artes Visuais e dei inicio a minha carreira docente. Mais tarde, e já com o título de licenciada, realizei meu mestrado em cultura visual na cidade de Goiânia, região central do Brasil e onde atualmente atuo como professora efetiva da Universidade Federal de Goiás.

No ano de 2005 tive a oportunidade de estar em Barcelona durante dois meses como aluna especial do programa de pós-graduação do qual atualmente estou matriculada. Foi minha primeira experiência como estudante estrangeira, experiência esta que deu início a uma série de reflexões naquele momento ainda bastante pessoais sobre os trânsitos e aprendizagens vividos no novo contexto, neste caso Barcelona.

Iniciei meus estudos na Universidade de Barcelona no curso 2006-2007 e desde o ano de 2008, quando apresentei meu projeto de tese para qualificação no DEA, que venho refletindo sobre o tema dos trânsitos e deslocamentos de identidade de estudantes brasileiros em processo de doutoramento. Para isso tenho tentado refletir sobre as consequências do fenômeno da internacionalização do ensino superior e da necessidade de se pensar numa pedagogia internacional com a intenção de “reconfigurar práticas, metodologias, discursos, reflexão, avaliação, inovação e oferta de qualidade de ensino e aprendizagem em e para contextos internacionais”. (Hellstén e Reid, 2008:3)

Neste sentido parto da ideia como explica Connelly e Clandinin que “a razão principal para o uso da narrativa na investigação educativa é que nós, os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente vivemos vidas relatadas” (1995:11). O estudo e uso da narrativa na investigação de doutorado - que venho desenvolvendo e no qual me proponho a compartilhar nestas

jornadas - me permite adentrar não só na forma como os sujeitos/estudantes experimentam o mundo e a forma de ser e estar no mundo, mas principalmente na maneira como vou e estou construindo a história desta tese e minha relação com o tema escolhido.

Com o propósito de compreender “o mundo complexo da experiência vivida desde o ponto de vista de quem a vive” (Schwandt 1994:118), neste caso a dos estudantes brasileiros, e o significado/sentido que os sujeitos constroem seus relatos como estudantes é que venho trabalhando o marco da investigação a partir de minhas experiências não só como estudante, mas também como professora de uma instituição de ensino superior brasileira.

Mais do que recontar minhas experiências e histórias, o objetivo de trabalhar sob esta perspectiva é que se “produza um delicado giro mental [também] no pesquisador” e no marco da investigação, isto é, que se possa estabelecer e se reajustar “os horizontes temporais, sociais e culturais” do tema pesquisado (Connelly e Clandinin, 1995:22) e tornar-se um “veículo de emancipação na medida em que promove novas formas de compreender nossa [minha] subjetividade” (Hernández e Rifá, 2011:29).

Nesta comunicação apresentarei uma parte da narrativa do referencial teórico em que o objetivo é discutir minha relação com o tema da investigação, assim como as distintas posições que durante o processo fui assumindo.

A internacionalização do ensino superior e minha relação com o tema

Até retornar ao Brasil em 2009 para tomar posse como professora de uma universidade pública minha experiência com o tema da tese deslocava-se entre duas posições: a de *estudante* estrangeira em Barcelona e a de *pesquisadora*, que investiga 10 relatos biográficos de estudantes brasileiros sobre sua experiência como estudante estrangeiro.

Atualmente quando trato de pensar na internacionalização do ensino superior meu olhar se volta também para a prática docente. Apesar da minha atividade docente na Universidade Federal de Goiás se concentrar na formação para arte-educadores e na maior parte do tempo nos cursos à distância, tenho participado de discussões e formo parte de uma comissão que está estruturando o projeto de uma licenciatura

internacional. Ação esta que tem me aproximado das discussões da tese e contribuído para que meu olhar vá além da experiência como estudante e pesquisadora.

O tema “internacionalização da educação superior” não é novo, mas a dimensão que certo fenômeno tem provocado nas instituições pode-se dizer que é recente. Uma primeira explicação para o fenômeno está relacionada ao próprio aumento da mobilidade estudantil internacional, que segundo dados da Unesco no ano de 2006 existiam 2.652.068 alunos de terceiro grau estudando fora de seus países de origem.

Tal fenômeno tem provocado discussões sobre o papel que assume hoje a instituição de ensino superior e quais as consequências para o sistema educativo. Além de funcionar como uma “pieza clave del sistema educativo, entendido como sistema cultural” e também como “depositarias de imaginários culturales, tradiciones e ideales de distintos ciclos históricos” (Carli, 2006:30), a instituição de ensino superior vai ser reconhecida como organização social ou ainda como uma organização prestadora de serviços (Chauí, 2003). Vivemos o momento de passagem de uma educação como bem público para uma educação cuja demanda se dirige a uma educação como mercadoria.

Apesar do caráter internacional das universidades estarem presentes desde a Idade Média com a criação das primeiras instituições, e por considerar o conhecimento como um bem universal, tendo como característica intrínseca ser internacional (Lima e Contel, 2011), é a partir das últimas décadas que percebemos o interesse em investimentos em relação a este novo mercado que começa a movimentar milhões de dólares em todo mundo, tornando-se para alguns países, como os Estados Unidos, um grande negócio (Altbach, 2004). Só neste país os estudantes estrangeiros contribuem com aproximadamente 12 milhões de dólares por ano.

Nesse contexto surge então o modelo chamado de "capitalismo acadêmico" em que pesquisadores e administradores universitários passam a ser induzidos a participar de ambientes competitivos para captação de recursos públicos e privados, direcionando seus projetos segundo os interesses do mercado (Slaughter & Lesile, apud KRAWCZYK, 2008). Iniciam-se parcerias entre empresa-universidade e Estado e a internacionalização do ensino superior começa abrir espaços para novos atores e novas práticas ou novos provedores. Sauvé (2002) classifica os atores ou provedores de serviços neste contexto em cinco categorias: o primeiro refere-se ao *treinamento corporativo* que geralmente constituem-se em braços das corporações transnacionais, em segundo *as instituições voltadas para o lucro* que também utilizam os princípios corporativos ou desenvolvem produtos educacionais para a venda, as *Universidades*

virtuais que oferecem serviços universitários a partir da utilização das tecnologias da informação, os *setores voltados para o lucro de universidades tradicionais* que participam da competição com instituições virtuais e por último as *parcerias* entre instituições públicas e privadas.

Conforme Altbach e Knight (2006:1) as atividades universitárias internacionais “se expandiram dramaticamente em termos de escopo, volume e complexidade”, criando com isso novas formas de prestação de serviço e também da compreensão de tal fenômeno. Para trabalhar o tema da internacionalização sob o viés da mobilidade, Manolita Correia Lima e Fabio Betioli Contel nos apresentam uma tabela bastante esclarecedora sobre as principais formas de internacionalização da educação superior segundo o GATS (General Agreement on Trade and Services):

Classificação segundo o GATS	Tipo de mobilidade Geográfica	Exemplos
Consumo de serviço no exterior	Migração de estudantes	Cursos de Língua fora do país de origem Cursos de graduação e pós-graduação
Prestação do serviço no exterior	Migração de acadêmicos (professores e técnicos)	Presença de pessoas físicas de um país para a execução do serviço em outro território
Oferta trans-fronteiriça do serviço (Cross-border supply)	Mobilidade de programas de ensino	Educação à distância e sistemas de avaliação
Presença comercial	Mobilidade da Instituição prestadora	Instalação de campi; (branch-campus) Joint-ventures com instituições locais.

No Brasil este tema tem sido recorrente não só pelo Governo Federal, mas também pela mídia que tem investido no assunto da mobilidade. O governo tem implementado ações concretas “para imprimir um caráter mais ativo à política de

internacionalização da educação no país” (Lima, 2011:218), podendo destacar três ações efetivas: a inclusão das línguas estrangeiras no currículo do ensino fundamental e médio, a contratação de professores estrangeiros com o status de professor visitante e ainda a criação de 3 universidades públicas federais, de caráter supranacional onde defendem a inclusão social por meio de uma cooperação solidária. A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Universidade Federal de Integração Luso-Afrobrasileira (UNILAB) e a Universidade Federal da Integração da Amazônia Continental (UNIAM) defendem um caráter contra- hegemônico e se voltam para as necessidades de países com origem colonial (Lima, 2011). Podemos observar conforme Lima no livro - Internacionalização da Educação Superior – Nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento – dois tipos de internacionalização: a lucrativa e a internacionalização cooperativa, esta última está cada vez mais distante da agenda dos países que protagonizam a internacionalização, porque se orientam cada vez mais por motivações mercantis, na direção de um capitalismo acadêmico. Conforme Lima e Contel (2011:19) pode-se dizer que o “atual quadro de internacionalização da educação se molda em função do comportamento de cada nação”.

O Brasil destaca-se por uma internacionalização cooperativa, mas ainda bastante tímida se comparada a países mais desenvolvidos e até mesmo aos países latino-americanos. A inauguração da política de cooperação internacional no Brasil ocorre por volta dos anos de 1920-1930 (Lima e Contel, 2011). Mas é com o crescimento das pós-graduações no país na década de 60 e com a criação de órgãos que irão financiar a pesquisa científica que poderemos perceber de fato a interferência da internacionalização no sistema de ensino brasileiro. Apesar das múltiplas formas e consequências deste evento, é importante destacar que este projeto foca na internacionalização da mobilidade estudantil e que conforme a tabela anteriormente citada, segundo o GATS, os sujeitos desta investigação se situam tanto a um *consumo do serviço no exterior*, por não possuir vínculo a uma instituição de ensino brasileiro quando iniciaram seu doutorado e ainda como *prestação de serviço no exterior*, pelo vínculo a agências financiadoras de bolsas, exigindo que o mesmo retorne ao país quando finalizada a tese doutoral.

Esse novo paradigma começa a criar não somente um mercado educacional, mas também cidadãos de todo mundo com novos conhecimentos, novas habilidades e atitudes que lhes permitam atuar de maneira eficaz num meio global, internacional e multicultural. Formar estudantes estrangeiros, conforme Lima e Contel,

“...seja na graduação ou na pós-graduação, nos países de centro, auxilia também no processo de expansão dos laços econômicos, desses com os países de origem dos estudantes estrangeiros; boa parte destes estudantes, na volta a sua terra natal...se tornam uma espécie de embaixadores dos interesses da nações que os abrigaram, por carregar um conteúdo de valores, comportamentos e atitudes políticas adquiridas no período de estudos no exterior”...(2011:83)

Quando defini o tema desta investigação, não só desconhecia a dimensão do fenômeno como também não tinha consciência de qual poderia ser minha contribuição ao investigar este tema. Quando decidimos por um programa de pós-graduação no Brasil e ainda se temos vínculo com alguma instituição costuma-se escolher um tema que venha de encontro com nossas práticas docentes. No meu caso, quando optei por estudar neste programa de pós-graduação e iniciei meus estudos na Universidade de Barcelona não possuía vínculo nem com agências financiadoras de bolsas brasileiras, assim como com instituições públicas federais. Por um lado, essa tal liberdade, me possibilitou investir num tema que vinha de encontro num primeiro momento, das minhas inquietações pessoais como estudante estrangeira, mas por outro lado, ao retornar ao Brasil sinto dificuldades em avançar na tese já que meu trabalho laboral muitas vezes não facilita um envolvimento mais profundo e frequente. Tenho pensado muitas vezes que se houvesse iniciado o doutorado com vínculo institucional meu tema seria outro e, provavelmente, o foco seria a educação a distância. Durante estes três anos desde que retornei ao Brasil tenho tentado não privilegiar um foco em detrimento do outro, visto que quando preparo artigos científicos e participo de congressos na área tento justamente relacionar-me de maneira coerente e saudável com ambas as tarefas.

Ao mesmo tempo tenho me surpreendido com ações dentro da universidade em relação à internacionalização do ensino superior, o que tem contribuído para que o tema da tese não seja esquecido.

Minha primeira surpresa ao assumir minha função como docente na Universidade Federal de Goiás foi presenciar numa reunião de candidatura a reitor que uma das metas, se caso fosse eleito, seria pensar na internacionalização do ensino superior dedicando especial atenção às práticas internacionalizadoras. Durante minha estadia em Barcelona, no período 2006-2009, tentava manter-me informada sobre os

acontecimentos, notícias e fatos em gerais sobre o Brasil, mas ao regressar tive a real dimensão da importância do tema que tinha escolhido para trabalhar na tese doutoral.

Em julho de 2011 o governo brasileiro lançou o programa “Ciências sem Fronteiras” que tem como objetivo incentivar bolsas e projetos científicos no exterior, aumentando com isso o número de pesquisadores e estudantes em outros países, além de promover a inserção internacional das instituições brasileiras. A meta do governo é liberar 75.000 bolsas até 2014 e as convocatórias estão abertas para alunos que desejam cursar tanto a graduação como a pós-graduação.

Como podemos perceber as ações internacionalizadoras propostas pelo atual governo brasileiro ainda são tímidas se comparadas a outras nações, mas vem de encontro com a atual cena contemporânea do sistema acadêmico de ensino superior mundial que tem exigido novas práticas e ações sobre o tema.

Neste contexto de mudanças e desafios do sistema brasileiro em relação à internacionalização é que me encontro com muitas expectativas e desejos que o presente trabalho no futuro possa contribuir não só para construir práticas mais conscientes e problematizadoras, mas que a chamada internacionalização do ensino superior possa ser pensada a partir das experiências de quem vive diretamente o fenômeno, dos estudantes estrangeiros.

Referencias bibliográficas:

CARLI, Sandra (2006). Figuras de amistad en tiempos de crisis. La universidad pública y la sociabilidad estudiantil. En Frigerio, Graciela y Diker, Gabriela (eds). Educar: figuras y efectos del amor. Buenos Aires: Del Estante Editorial.

CHAUÍ, M. (2003). A Universidade publica sobre nova perspectiva. Revista Brasileira de Educação, n. 24, p. 5-15, set/dezembro.

CONTRERAS, José & PEREZ DE LARA, Nuria. Investigar la experiencia educativa. Madrid; Ediciones Morata, 2010.

CONNELLY, F. Michael y CLANDININ, D. Jean (1995), “Relatos de experiencia e investigación narrativa”, en Larrosa, J. y otros, Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes.

HELLSTÉN, Meeri (2007). Internacional student transition: focusing on researching international pedagogy for educational sustainability. Tem Internacional Educational Journal: comparative perspectivas, vol.8, No3, p. 79-89.

HERNÁNDEZ, Fernando & RIFÁ, Montserrat. Investigación autobiográfica y cambio social. Barcelona: Octaedro, 2011.

LIMA, Manolita Correia & CONTEL, Fabio Betioli. Internacionalização do ensino superior. São Paulo: Alameda, 2011.

PRESCOTT, Anne & HELLSTÉN; Meeri (2005). Hanging Together Even with Non-Native Speakers: the international student transition experience. En: Ninnes, Peter & Hellstén; Meeri (Ed). Internationalizing Higher Education : Critical Explorations of Pedagogy And Policy.

REZENDE, Cláudia Barcellos Rezende. Retratos do estrangeiro: identidade brasileira, subjetividade e emoção. Rio de Janeiro, FGV, 2009.

SCHWANDT, T. Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry. In Norman Denzin e Yvonna Lincoln (Eds.), Handbook of qualitative research. London: Sage Publications, 1994.